

# Política da Conservação do Solo

(Discurso proferido pelo Presidente da República  
General Eurico Gaspar Dutra, em Itaperuna (Es-  
tado do Rio), no dia 19 de setembro de 1948, às  
20 horas, nos salões do Ginásio local)

“Sr. governador, sr. prefeito, senhores:

Dirigindo-me daqui aos brasileiros, desejo versar um tema único e de relevância sem par. Tomo-o das palavras proferidas pelo eminente governador do Estado: “Da Conservação do Solo”: — E’ expressivo que o ventile, com tanta compreensão, exatamente aquele que construiu a maior unidade do nosso parque industrial. Se a outros se poderia arguir de parcialidade, por interesse de classe ou formação profissional, poucos o teriam feito, ao mesmo tempo, com tanta isenção. O grito de alarma que aqui soou, meus senhores, é o mesmo já proferido nos princípios deste século por Teodoro Roosevelt. Também o grande presidente americano fez da conservação do solo um motivo de pregação e objeto de sua atividade administrativa. Infelizmente, ainda não atingimos a um nível cultural que permita esperar, da simples colocação do problema, o sentido da sua gravidade e da urgência, despertado na grande Nação do norte pela palavra daquele e de outros homens ilustres. Não obstante, clamemos sem cessar, como fez o vosso governador convencendo e persuadindo, pela palavra e pelo exemplo das práticas de conservação, para que nossos filhos e os filhos de nossos filhos não façam a mesma acusação que hoje fazemos aos nossos maiores: a de fazedores de desertos.

O solo é a primeira riqueza insubstituível e, por desgraça, algumas vezes irrecuperável. Nele se funda a exploração agrícola e pecuária e, por isso mesmo, o bem estar e a prosperida-

de das nações. Não são elas saudáveis nem estáveis, quando não se apoiam em uma agricultura de rendimento elevado, estabelecendo harmonioso paralelo com as atividades industriais. No Brasil o campo nos fornece alimento e matérias primas, divisas para atender às nossas necessidades do exterior e mercado para a produção industrial. As atividades agro-pecuárias constituem, bem o sabeis, a base da vida econômica nacional. O próprio desenvolvimento industrial, que todos poderão compreender-lo, tem um limite intransponível do poder aquisitivo que a agricultura venha a criar. Porque não o tínhamos suficientemente compreendido, passamos hoje por dificuldades cuja correção está na volta à terra, como já o lembrei e agora foi aqui recordado.

Mas essa volta à terra não se pode fazer nos mesmos termos em que anteriormente a exploramos e exaurimos. Se, antes, a inconsciência de uma geração só era sentida pelas seguintes, as de agora terão na realidade, de refazer em boa parte a fertilidade do solo em que trabalham impedindo se desgaste ainda mais, e restabelecendo-lhe as condições de uberdade. Muitos são os fatores que concorrem para a prosperidade de uma exploração agrícola. Mas, insistamos, agora, e sempre, nenhum nela participa na mesma proporção do solo. E reconhecamos, ademais, que é preciso chegar a um estágio superior de seu cultivo para que a sua conservação encontre, de parte do homem, que antes o inutilizou e agora tem de recompô-lo, a compreensão e a vontade inabalável de protegê-lo, conservá-lo, melhorá-lo mesmo. Nossa compreensão, no entanto, será sempre fruto da providência, e a nossa história econômica não autoriza a que nos tenhamos, nesse terreno, como modelares. Ao contrário, é ela uma história, de ciclos econômicos, em que começamos pelo monopólio natural de um produto, para acabar decaindo na sua produção exportável, pela incapacidade de fazê-lo economicamente. E de ciclos de prosperidade mergulhamos em derrocadas, como, para exemplificar, nas da borracha e do algodão. Esta, no entanto, foi seguida de novo surto de prosperidade algodoeira, graças so-

bretudo à aplicação de métodos modernos de seleção e cultivo, e, também, de disciplina adequada na sua comercialização.

Agora mesmo, vemos como a ciência e a técnica de patri-  
cios nossos dominaram as dificuldades da produção do trigo,  
resolvendo-lhes os problemas de natureza econômica.

Esse o caminho a seguir para estabelecer, em bases de alto rendimento, a produção agrícola brasileira em geral. Mas, seja ela de café ou algodão, de cereais ou de frutas, ou ao pastoreio se dedique, — o seu fundamento geral e insubstituível é o solo, esse mesmo solo que temos maltratado em todo o correr da nossa vida, descuido de que hoje colhemos frutos secos e amargos. É a obra da evangelização dos agricultores do Brasil, para conservação do solo, que quero convocar, hoje, a todos os profissionais da agronomia, e em particular os que trabalham no serviço público. Com muitas e honrosas exceções, deve-se reconhecer a procedência de recriminações a agrônomos oficiais. Menos talvez por falta de conhecimentos, do que por falta de vocação. Tem-se mesmo a impressão, a respeito de uns poucos, de que urge readatá-los a misteres mais condizentes com as suas inclinações sedentárias e hábitos burocráticos. Sempre me admirou não estarem as escolas agrônômicas do Brasil regorgitando de alunos, como sucede com outras escolas. Neste País em que — revela-o o último recenseamento — as atividades agrícolas ou a elas ligadas abrangem cerca de 80% da população, contam-se por dezenas, ou poucas centenas, os que procuram cursos de treinamento nas atividades básicas da sua vida econômica.

Além disso, uma vez deixados os bancos acadêmicos, é excessivamente grande o número dos que preferem informar processos, a cultivar o solo ou a se devotar, nos serviços públicos, aos lavradores e criadores. Algo, positivamente, deve encontrar-se desajustado. Ou o recrutamento desses alunos se faz em meios impróprios, e então devemos promover o ingresso nas escolas de agricultura de jovens oriundos das zonas rurais; ou o

ensino que aquelas escolas ministram é inadequado, não conseguindo despertar ou desenvolver, nos que as cursam, o apêgo à terra e o gosto pelas fainas agrícolas, com a formação, ao revés, de candidatos à burocracia. Trata-se, pois, de matéria que, sendo técnica e pedagógica, tem também muito de um problema de liderança. Parece faltar aquele espírito científico e o amor à natureza, junto à dedicação ao magistério e aos interesses nacionais, que, no consenso geral, deveriam caracterizar os que se encarregam de formar jovens para uma atividade de tão remarcada importância.

O titular da pasta da Agricultura me tem relatado as dificuldades, felizmente removidas, para fixar, apenas a 47 quilômetros do Rio de Janeiro, a Escola Nacional de Agronomia, retirando-a do asfalto. No entanto, para todos os que se dedicam à agricultura no serviço público, sem exceção, deveria estar sempre presente — repito-o ainda uma vez — que não é dos terraços dos Ministérios, no Rio de Janeiro, que estaremos em contacto com a terra e a gente do Brasil, para desta compreender os anseios e as dificuldades, estimulando-a na sua coragem e na sua bondade. Que não se vejam nas minhas palavras acusações indiscriminadas: elas apontam falhas notórias e devem ser entendidas como se dirigindo unicamente àqueles que correspondem, inequivocamente ao quadro traçado. Se antes vos citei trabalhos como o do algodão e do trigo, é porque desejo ressaltar o seu mérito e manifestar a gratidão nacional devida aos técnicos que, em Bagé, Patos, Campinas, Viçosa, Piracicaba pesquisaram, criaram, ensinaram, bem servindo ao Brasil e a sua agricultura. Estes sabem o que há de verdadeiro, e se alguma coisa lhes posso prometer, em recompensa ao seu esforço, é todo o apêio de que seja capaz o govêrno federal para que prossigam nos seus trabalhos, e, pelo seu exemplo, conduzam ao bom caminho, que é o caminho da terra, os que se transviam pelos corredores de gabinetes. Precisamos de uma reforma no espírito que preside à atuação administrativa no setor agrícola. Nas mãos de servidores públicos deverá ficar o trabalho de pesquisa e o trabalho de missionário, capaz de re-

tirar as atividades agrícolas de uma rotina que devasta e empobrece. É a essa luta que os exorto, advertindo-os das dificuldades que encontrarão e que somente com animo varonil serão sobrepujadas.

Constitui sinal promissor da consciência que desponta o fato de ser considerado para o ponto de partida de um plano de recuperação econômica, precisamente o problema do solo. Esse exemplo deve ser imitado, para que os vindos depois de nós recebam, não um solo esgotado nos seus elementos nobres, mas um solo a que o trabalho humano, o nosso trabalho, haja restituído o mesmo ou mais do que dele recebeu para torná-lo produtivo. Foi sob essa alta inspiração que convocámos em 1947, na Capital da República, a primeira reunião brasileira de ciência do solo que, como afirmei em minha última mensagem ao Congresso Nacional, proporcionou aos técnicos e cientistas do País oportunidade para intercâmbio de idéias e ampla análise da matéria, principalmente no que se refere às questões de erosão, fertilização e utilização nacional do solo. Não é esse no entanto, trabalho para uma administração, nem programa para um só govêrno. Representa tarefas de gerações e deve constituir-se em propósito de todo um povo.

Ao agradecer as vossas tão desvanecedoras provas públicas de simpatia e estima, quero saudar a comunidade fluminense através do operoso povo de Itaperuna, de tão realçadas tradições cívicas, animado sempre do mais vivo instinto pioneiro e realizador, ajudando a criar com a sua devoção ao trabalho, a riqueza comum de todos os brasileiros”.